

*A nação segundo Lula: “o reencontro do Brasil consigo mesmo”**

LAURINDO MÉKIE PEREIRA¹

Universidade Estadual de Montes Claros

ROBERTO MENDES RAMOS PEREIRA²

Universidade Estadual de Montes Claros

Resumo: Este artigo objetiva identificar e analisar os significados da temática nação no discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao longo dos seus oito anos de mandato. Mais especificamente, procura discutir como a política externa e a diplomacia da Era Lula apresentaram um projeto nacionalista específico e como isso é associado à ideia de autoestima do povo brasileiro.

Palavras-Chave: Era Lula; Nação; Política Externa.

Abstract: This article aims to identify and to analyze the means of the theme nation on the speeches of the President Luis Inácio Lula da Silva during his eight years on government. More specifically, try to discuss how the foreign political and the diplomacy of Age of Lula showed a specific nationalist project and how this is related with the idea of the self-esteem of Brazilian people.

Keywords: Age Lula; Nation; Foreign Policy.

Apresentação

Encerrado o segundo mandato do presidente Lula é normal que apareçam diversos textos acerca de temas específicos ou mesmo todo o legado da chamada Era Lula. Neste artigo, escolhemos o primeiro tipo de abordagem, elegendo uma questão específica para exame. Nosso objetivo é identificar e discutir os significados da temática *nação* no discurso do presidente ao longo dos seus oito anos de gestão e, mais especificamente, como a nação é pensada a partir das ações externas do país e da imagem que o presidente queria construir no cenário internacional.

Em tempos de crescente internacionalização do capital, ascendência de organismos supranacionais e de hibridização das culturas, pode-se perguntar em que medida ainda é possível falar em nação e nacionalismo. Muito amplo, o tema requer recortes. Aqui procuramos localizar, no discurso do presidente, quando, como e até mesmo com que frequência Luis Inácio Lula da Silva fala da *nação Brasil* e, mais importante, o que significa essa nação, o que a define, ou qual imagem de Brasil ele pretende construir e difundir.

Este texto apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em desenvolvimento desde o início de 2009.³ Os discursos, entrevistas e mensagens do presidente estão todos organizados, digitalizados e disponíveis no site oficial do governo federal (www.info.planalto.gov.br).⁴

Lula e “sua” nação

Ao tomar posse no Congresso Nacional, Lula afirmou que o Brasil seria o país do novo milênio e que havia chegado a hora de “[...] transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos” (SILVA, 01/01/2003a, p. 5). O tom otimista procura se fundamentar, entre outras coisas, na biografia do presidente, reclamada como uma prova de que “o Brasil pode mais” (SILVA, 01/01/2003a, p. 23). Associando sua história pessoal à história do país, o presidente afirmou: “O que nós estamos vivendo hoje, neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo” (SILVA, 01/01/2003a, p. 24).

No mesmo dia, discursando no parlatório, o presidente prometeu recuperar a dignidade e autoestima dos brasileiros e se colocou como a consolidação da luta de várias gerações: “Eu sou o resultado de uma história. Eu estou concretizando o sonho de gerações e gerações que, antes de mim, tentaram e não conseguiram” (SILVA, 01/01/2003b, p. 2).

Tomados em sua totalidade, os discursos da posse anunciam um conjunto de ideias que seria recorrente nos oito anos seguintes. Eram apresentados como a indicação do caminho e da filosofia adotada pelo

governo e pelo presidente como condutor e porta-voz de uma “nova” nação. É verdade que houve mudanças no período. Talvez a crise do “mensalão” e a emergência do Lulismo (SINGER, 2009) em 2005/2006 sejam o ponto de inflexão mais relevante da Era Lula.

No que se refere às ideias-chave dos seus discursos, uma primeira constatação da pesquisa é a frequência com que o presidente fala em “fazer do Brasil uma grande nação”, melhorar a “autoestima dos brasileiros”, “fazer o brasileiro ter orgulho do seu país”.

A identidade nacional, observa Stuart Hall (2004, p. 61-62), procura se sobrepôr e/ou negar outras identidades, a exemplo dos recortes de classe, gênero e raça. A nação se pretende unificadora; ela procura representar as diferenças com unidade. No discurso lulista, esse esforço unificador foi percebido a partir de alguns temas e imagens principais aos quais o Presidente recorria para destacar a prevalência de um todo sobre clivagens e interesses setorizados. Numa análise minuciosa dos temas, os mais utilizados foram: a) o combate à miséria, especialmente a mobilização contra a fome, à qual o presidente se refere como uma “guerra”; b) a união e colaboração de todos os brasileiros, especialmente partidos políticos e entidades de classe em prol do “país” ou dos “interesses maiores”, “nacionais”; c) a ênfase na capacidade de o brasileiro de superar dificuldades e ser “bem sucedido”, o que seria comprovado pelo próprio Lula, cuja biografia é explorada à exaustão; d) a marca na história: persistente afirmação de seu governo e suas ações como especiais na história do país, procurando associá-lo a outros períodos que ocupam espaço privilegiado na memória nacional como a Era Vargas e o governo JK; e) a transformação da política e imagem externas brasileiras, projetando o Brasil e os brasileiros como uma nação e um povo respeitado internacionalmente; e f) como produto desse conjunto de fatores, os brasileiros teriam aumentado a sua autoestima, se orgulhariam de sua identidade e o país teria se “reencontrado consigo mesmo”.

Entre essas ideias-chave, a mais forte parece ser a utilização da política externa como o instrumento por excelência para a grande virada na autoestima dos brasileiros, razão pela qual daremos maior atenção a este item.

Em grande parte dos seus pronunciamentos, Lula o fez de improviso, dispensando o texto escrito, como ele mesmo afirma no início de suas falas. Isso confere ao seu discurso um caráter meio desordenado, sendo possível encontrar os mais variados temas em uma mesma unidade. Assim, o item por

nós escolhido pode aparecer nas mais distintas situações. No entanto, ele é mais frequente quando o presidente fala para empresários, agentes por excelência da sua estratégia internacional. Por isso, construímos a análise a partir dos discursos dirigidos a este público específico.

Embora o bordão “nunca antes na história desse país” tenha sido usado *ad nauseam* por Lula, ele procurou com frequência estabelecer pontes entre o seu governo e outros momentos da história, como os governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e Ernesto Geisel. Apesar de óbvias diferenças, esses três presidentes têm em comum a política desenvolvimentista, característica sempre reclamada por Lula para seu governo.

A referência que Lula faz à luta de várias gerações é significativa. Apesar de suas concessões durante a campanha eleitoral, a exemplo da Carta ao Povo Brasileiro de junho de 2002, a sua carreira de líder sindical e de esquerda é parte inequívoca da sua trajetória política.

Dessa forma, vamos rever, brevemente, como a mesma temática aparece nos governos com os quais ele se identifica e na tradição de esquerda à qual ele se filia.

A nação é uma invenção dos tempos modernos, conforme a maior parte dos estudiosos do tema, entre eles Gellner (1981), Hobsbawm (2002) e Anderson (1989), e se relaciona de forma direta e complexa com a instituição estatal (GELNNER, 1981; HOBSBAWM, 2002).

No Brasil, por diversas vezes apareceram projetos de cunho nacionalista. Nas décadas de 1930 e 1940, o regime varguista investiu na ideia de construir a nação a partir do enfrentamento da chamada questão social. No discurso oficial se combatiam dois inimigos: o liberalismo prevalecente na Primeira República que era acusado de universalista e o socialismo, projeto que alimentaria os conflitos de classe (GOMES, 2005). Embora seja um tema controverso, no interior do legado de Vargas se destacava o trabalhismo, ideologia de cunho nacionalista e reformista que conquistou grande adesão entre os trabalhadores urbanos por várias décadas (FERREIRA, 2001; REIS FILHO, 2007; DELGADO, 1989).

Nos anos 1950, sob a liderança política de Juscelino Kubitschek e a direção ideológica do ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros – o nacional-desenvolvimentismo prometeu criar, enfim, a nação brasileira (TOLEDO, 1997). Se, no discurso varguista, a nação dependia da resolução do conflito social, no governo JK a nação passava pela modernização

econômica do país o que, em tempos de hegemonia cepalina, significava prioridade à industrialização (BIELSCHOWSKY, 1996). Tributário de uma visão dualista, o ISEB apontava as estruturas arcaicas, principalmente o latifúndio, como o inimigo a ser enfrentado por um amplo arco de aliança dos “modernos” e “nacionalistas” – a burguesia industrial nacional, os trabalhadores e as classes médias, além dos camponeses (TOLEDO, 1997; MOREIRA, 2003). A história encarregou-se de revelar a inconsistência da nação de JK e do ISEB, como o evidenciaram a internacionalização da economia brasileira e a correspondente interação burguesia brasileira e capital externo, o avanço da industrialização combinada com a persistência das desigualdades sociais e a modernização conservadora do campo (MOREIRA, 2003; OLIVEIRA, 1989).

Com o regime de 1964, a nação passa a ser pensada à luz da Doutrina de Segurança Nacional – DSN. Nesta, às fronteiras geográficas soma-se a fronteira ideológica: o inimigo da nação é interno e externo (BORGES, 2003, p. 24, 25, 27). Conforme a DSN, o Brasil alinha-se ao bloco ocidental capitaneado pelos Estados Unidos na guerra total contra o inimigo socialista. Embora inevitável, o alinhamento aos EUA era pensado como uma via de mão dupla. Para Golbery, um dos principais intelectuais do regime, o Brasil seria um parceiro especial por causa de sua posição geográfica e seus recursos naturais, daí a reivindicação de um tratamento privilegiado no interior da aliança ocidental. É essa visão que explicaria por que as relações do regime de 64 com os EUA foram de alinhamento, mas com certa margem de independência e até de conflitos pontuais (ALVES, 2005, p. 55-57). Possivelmente foi o Governo Geisel (1974-1978) o que mais avançou nessa margem de independência, ao tentar retomar o nacional-desenvolvimentismo (FIORI, 2002) e procurar diversificar os seus parceiros externos, aproximando-se da Europa Ocidental (LESSA, 1996).

Após a ditadura civil-militar, os projetos nacionais de desenvolvimento tornaram-se um tema quase ausente no interior do Estado. O abandono desse tema parece ter atingido o ponto máximo na virada do século e no início do novo milênio quando, nas palavras de Fiori (2001), os intelectuais e tecnocratas que dirigiam o país eram “alérgicos à palavra nação”.

Entre as esquerdas, a temática da nação ocupou um lugar de destaque ao longo do século XX. Entre 1922 e 1964, sem desconsiderar fases de maior ou menor ênfase, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) acreditou na

revolução nacional ou democrático-burguesa contra o imperialismo (DEL ROIO, 2000). O golpe de 1964 sepultou essas ilusões, observa Gorender (1998). No entanto, ainda que a luta armada tenha se tornado a forma de luta mais difundida entre a esquerda, especialmente após 1968, sobreviveu em vários grupos a tese de uma revolução que passa por uma primeira fase nacional (RIDENTI, 2000, p. 33-34).

Os anos 1970 viram esvaecer a luta armada revolucionária, bem como a atração exercida pelos movimentos nacionalistas. Outros temas, como a democracia e a cidadania, ocuparam o centro dos debates políticos (DEL ROIO, 2000, p. 117).

Do ponto de vista intelectual, é possível que a teoria de dependência tenha contribuído para que o tema da nação tenha refluído. Nas palavras de Bresser Pereira, esta teoria minou o nacionalismo “[...] ao afirmar de maneira peremptória a impossibilidade de existência de uma burguesia nacional no Brasil, e ao aceitar a associação ou submissão ao Norte como uma forma de desenvolvimento sem burguesia nacional” (BRESSER PEREIRA, 2008, p. 185).

Assim, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) galgou a presidência em 2003, qual o lugar de um discurso ou projeto nacionalista? Se por várias décadas a nação foi um tema caro para diversos movimentos e pensadores no país, o que permanece dessa história no governo Lula?

Segundo Reis Filho, o governo Lula se filia a uma tradição nacional-estatista que se forjou ainda nos anos 1920, sob a liderança do sindicalismo amarelo. A cultura política do nacional-estatismo se traduziria na visão popular de que o Estado deve assegurar e proteger os direitos dos trabalhadores e restringir a “ganância dos patrões” e inclui “Um projeto nacional-desenvolvimentista, industrializante, na perspectiva de conquistar a autonomia nacional no cenário das relações internacionais [...] Era todo um projeto de nação que pretendia incluir trabalhadores urbanos” (REIS FILHO, 2007, p. 91, 94).

Para o autor, o nacional-estatismo e a estrutura sindical que ajuda a sustentá-lo permanece, em linhas gerais, ao longo de todo o período pós-1930, resistindo até mesmo aos ataques provenientes do novo sindicalismo na década de 1970. Radicalizando sua tese, Reis Filho afirma que o *aggiornamento* por que passou o PT se traduz na sua aproximação com o nacional-estatismo e o abandono das teses mais radicais. O resultado disso

foi o seu vigor eleitoral e a consequente conquista da presidência em 2002 (REIS FILHO, 2007, p. 106-107).

A tese de Reis Filho é generalizante, parecendo ignorar as divergências dentro do movimento e organização dos trabalhadores ao longo da história. Além disso, ele não discute como as novas formas de organização e produção capitalista que emergiram com a chamada acumulação flexível (HARVEY, 2006) afetaram o mundo do trabalho (ANTUNES, 2002).

Qualquer projeto nacionalista enfrentaria sérios desafios em tempos de globalização, processo novo na história, como explica Canclini:

A internacionalização foi uma abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos das outras. A globalização supõe uma interação funcional de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros, no qual é mais importante a velocidade com que se percorre o mundo do que as posições geográficas a partir das quais se está agindo (CANCLINI, 2005, p. 32).

Nesse novo cenário, diferentemente dos séculos XIX e XX, quando havia uma relação mais direta entre território, cultura, produção e consumo e uma razoável definição do “nosso” e do “alheio”, o final do século XX testemunha um outro mundo em que “[...] compramos um carro Ford montado na Espanha, com vidros feitos no Canadá, carburador italiano, radiador austríaco, cilindros e baterias ingleses e eixo de transmissão francês” (CANCLINI, 2005, p. 31).

Qual o projeto de nação de Lula nesse mundo globalizado? Como afirmar a nação nessa conjuntura adversa? Lula, representante da história de luta de gerações de trabalhadores como ele afirma ao tomar posse, ou herdeiro do nacional-estatismo como quer Reis Filho, desafiou as estruturas internacionais para afirmar uma identidade e projeto brasileiros?

A política externa a serviço da nação

Um certo conjunto de ideias envolve a nação de Lula, conforme apontamos anteriormente. O exame dos discursos do presidente revela que, entre os elementos mais importantes, destaca-se a política externa. A nação

sonhada por Lula passa necessariamente por esse tema, embora, evidentemente, não se restrinja a ele. A nação de Lula é uma nação que se projeta e é respeitada internacionalmente.

Aqui “política externa” é um termo abrangente para se referir a um conjunto de ações do governo do PT nos seus oito anos: a) a articulação de novos grupos, a exemplo do G20, b) a crítica ao protecionismo dos países desenvolvidos, c) a reivindicação de um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU, d) a interferência em questões diplomáticas delicadas, a exemplo da questão iraniana e da Guatemala e, principalmente, e) a ampliação de parceiros comerciais externos, avançando em direção aos continentes africano e asiático, bem como o estímulo e apoio às empresas brasileiras para exportar e investir no exterior.

Ao examinarmos os discursos que dão conta dessas questões, constatamos que, na visão do presidente, os agentes mais importantes nesse novo protagonismo do Brasil no mundo seriam ele, o presidente, e as empresas brasileiras. Em virtude disso, demos especial atenção aos discursos que ele profere para um público empresarial porque é nessas ocasiões que suas propostas se tornam mais perceptíveis. Ao longo do período (2003-2010), o presidente proferiu mais de 150 discursos para esse público, falando em inauguração de empresas,⁵ feiras, fóruns nacionais e internacionais e outras, conforme se vê no Quadro 01.

Para o presidente, o Brasil tem um grande potencial que permaneceu anos a fio inexplorado. Logo no início do seu mandato, falando no Fórum de Davos, ele afirmou que “[...] o Brasil não pode continuar sendo um gigante adormecido. E, se Deus quiser, nós vamos acordá-lo, para que ele seja respeitado como precisa ser, no mundo inteiro” (SILVA, 26.01.2003, p. 4, 5). Na sequência prometeu: “E podem ficar certos que vocês vão ouvir falar muito de um Presidente briguento e que defende os interesses da sua Nação” (SILVA, 26.01.2003, p. 4, 5).

Quadro 01: Discursos de Luís Inácio Lula da Silva dirigidos ao público de empresários (2003-2010)

Situação	Quantidade
Fóruns nacionais, incluindo eventos internacionais realizados no Brasil	25
Fóruns e eventos internacionais	32
Feiras, Exposições e Mostras	15

Inaugurações de empresas públicas e privadas, posses,	51
Reuniões em Brasília	18
Reuniões no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social	11

Fonte: www.info.planalto.gov.br

Ao citar o hino nacional, Lula se serve de uma memória discursiva extremamente forte entre os brasileiros. Esta memória ou interdiscurso, como afirma Orlandi (2009, p. 31), é “aquilo que fala antes, em outro lugar”, que integra o dizível, sustentando o discurso. A imagem do gigante adormecido prepara o terreno para a ideia seguinte que é a ênfase no seu papel pessoal como agente do despertar do país e para fazê-lo respeitado.

Colocando-se como o líder, o presidente convoca os brasileiros para aderirem à mesma causa: “O que eu quero é que nós, trabalhadores, empresários e governantes aprendamos a andar de cabeça erguida e a entender que o nosso espaço e a nossa parte, no mundo, serão conquistas nossas e não concessão de nenhum competidor com os produtos brasileiros” (SILVA, 10.03.2003b, p. 6). Três anos mais tarde, a mesma ideia é reforçada junto a chefes de governo do Mercosul. Na ocasião, disse que “Nós, hoje, negociamos com o mundo inteiro, sem vergonha de dizer quem somos, o que queremos e, ao mesmo tempo, nós temos orgulho de nos fazer respeitar enquanto Nação” (SILVA, 21.07.2006, p. 5).

Trabalhadores, empresários e governantes seriam os agentes da grande virada. Qual o papel de cada um, segundo o presidente? Vamos inverter a sequência, começando pelos governantes. O papel destes é liderar, estimular, fazer as pessoas acreditarem, como gosta de dizer o presidente: “O que faltou, na verdade, foram governantes mais comprometidos com este país. E, sobretudo, que acreditassem cegamente no potencial deste país” (SILVA, 22.04.2003, p. 9). Discursando na Associação Comercial de São Paulo, Lula disse:

Este país precisa, primeiro, recuperar a auto-estima de 175 milhões de brasileiros. Vamos ser francos. Alguns de vocês, em algum momento da vida, imaginaram que eu pudesse ir a Davos? Algum de vocês, algum dia, imaginou que eu pudesse ser o Presidente mais aplaudido na história de Davos? Sabem por quê? Porque, antes, nós tínhamos tido uma reunião ibero-americana, com todos os países da América Latina. E comecei

a perceber que os governantes do Terceiro Mundo agem como se fossem inferiores: nós somos sempre “coitadinhos”, estamos sempre procurando um culpado para as nossas causas (SILVA, 27.03.2003, p. 5).

Nesse trecho, Lula explora ao máximo o seu lugar de presidente operário. A força do seu discurso reside, em grande medida, precisamente nesse lugar a partir do qual ele fala (ORLANDI, 2005, p. 39). Além de presidente, sua biografia o autoriza a usar o argumento da autoestima e a recusa à imagem do “coitadinho”.

Ao Estado cabe o papel de indutor, planejador e investidor, sendo estas duas últimas ações mais destacadas após a crise internacional de 2008. “O papel do Governo é ser o indutor, o planejador, o animador do processo de desenvolvimento de um país” (SILVA, 22.04.2003, p. 5). Em 2010, o presidente contrastava as dificuldades da Europa e dos EUA com a crise e o que ele chamava de sucesso brasileiro, produto, na sua visão, das ações estratégicas do seu governo a exemplo do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), das políticas sociais, da política de investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) de apoio à pequena agricultura e do microcrédito (SILVA, 02.03.2009, 11.09.2009, 29.01.2010).

O papel do Estado na economia durante o governo do PT é tema controverso. Em uma avaliação otimista, pode-se destacar a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e o papel do BNDES que teria passado de uma agência de privatização no governo Fernando Henrique Cardoso a uma agência de desenvolvimento no governo Lula (DINIZ; BOSCHI, 2007, p. 104-105). Numa visão mais crítica, João Paulo A. Magalhães (2010, p. 28), Wilson Cano e Ana Lúcia G. Silva (2010, p. 201) reconhecem a formatação de uma política industrial, mas observam uma contradição entre o projeto e a política macroeconômica que limitava, se não impedia a execução dessas propostas.

A persistente busca por ampliar os parceiros comerciais externos tinha razões bem práticas. A manutenção da política macroeconômica de FHC significava a permanência de um modelo instável, cuja estabilidade depende da conjuntura externa. Nesse cenário, o crescimento das exportações tornou-se indispensável para equilibrar as contas do país e

assegurar uma capacidade mínima de enfrentar as crises cambiais recorrentes (FILGUEIRAS, et al., 2010, p. 47-48).

Suas viagens, explica o presidente, visavam abrir caminho para os produtos brasileiros:

Quero dizer aos empresários e às empresárias que estão aqui e às entidades de classe: eu [...] acredito no Brasil, [...] acredito nos empresários brasileiros, [...] acredito nos trabalhadores brasileiros, porque acredito na nova política de comércio exterior que estamos realizando e porque acredito que o Brasil não deve nada a ninguém em muitas áreas econômicas. O que precisamos é apenas mostrar o que somos, o que temos, o que produzimos e colocar os nossos produtos lá fora (SILVA, 08.07.2003, p. 4-5).

Para vender lá fora é preciso também mudar nossa imagem externa: “É preciso acabar o tempo de brasileiro viajar para o exterior e falar só de mortalidade infantil, de criminalidade, de carnaval ou de futebol. Tudo isto existe, mas existe também o outro lado do Brasil competente, do Brasil competitivo” (SILVA, 10.03.2003a, p. 2).

Com o incentivo do presidente e apoio financeiro do BNDES (MINEIRO, 2010, p. 157), os empresários são instados a apostarem nas exportações e mesmo a investir no exterior. A frequência do tema nas falas presidenciais é informada pelo próprio Lula:

[...] nós estamos há três anos e meio ou quatro anos convencendo os empresários brasileiros a descobrirem a América Latina como parceiros e temos obtido sucesso. Hoje, eu penso que não existe um único país – pelo menos da América do Sul e muitos da América Central – que não tenha empresas brasileiras construindo alguma obra. [...] todas as vezes que tiver reunião com empresários, estará Lula pedindo para que os empresários brasileiros não tenham medo de virar empresas multinacionais e não tenham medo de procurar novos parceiros (SILVA, 20.06.2007, p. 4-5).

Além da América Latina, o Brasil deveria se expandir para Europa: o PAC, dizia o presidente, atrairia investidores europeus para o país; por outro lado, “As empresas brasileiras também estão ganhando presença na Europa. Tenho instado os nossos homens de negócios a transformarem suas

companhias em verdadeiras multinacionais” (SILVA, 04.07.2007, p. 2).

A África e a Ásia também eram alvos: “[...] a primeira vez que eu fui a Angola, em 2005, e falei que era importante que os empresários brasileiros pensassem em virar empresas multinacionais” (SILVA, 23.02.2010, p. 4). Em Jerusalém, Lula repetiu o mesmo discurso (SILVA, 15.03.2009, p. 8). Além de provocar, o governo brasileiro financiou a expansão das grandes empresas brasileiras, especialmente através do BNDES (SILVA, 26.02.2010, p. 10). Na realidade, a África e a Ásia são até vistas como mais estratégicas pelo governo Lula. Em 2010, dirigindo-se a empresários na Jordânia, Lula explicou

E essa diversificação feita pelo Brasil fez com que nós fizéssemos muitas viagens. Só para a [na] África, eu já visitei mais de 20 países, e cada viagem é um grupo de empresários: às vezes eram 20, às vezes eram 30, às vezes eram 40. Porque nós estávamos habituados a viajar para Paris. [...] Para Nova Iorque [...] Embora os nossos empresários soubessem que as nossas dificuldades de colocar determinados produtos brasileiros nesses países ricos é muito difícil (SILVA, 18.03.2010, p. 5-6).

No último ano de seu governo, Lula parece feliz com o resultado dos seus esforços:

E acho que em abril, Paulo Skaf, eu vou ter a primeira reunião com os empresários brasileiros multinacionais, lá em São Paulo. Não sei se você vai estar na Fiesp ainda, em abril, mas vai ser lá que nós vamos fazer a primeira reunião dos grandes empresários multinacionais (SILVA, 15.03.2009, p. 8).

Realmente as exportações cresceram, aumentando em 240% o seu valor entre 2001 e 2008 (FILGUEIRAS et al., 2010, p. 52) e os parceiros se diversificaram. Para Diniz e Boschi (2007), esses fatos são produtos das escolhas do governo; para Filgueiras et al. (2010, p. 53), o melhor desempenho das exportações se deveu a fatores alheios às ações do Brasil. Sua causa mais remota seria o aparecimento de novos eixos econômicos ao final do século XX, a exemplo da China, que demandavam bens intensivos em recursos naturais, precisamente o que os exportadores brasileiros melhor poderiam oferecer.

Após identificarmos os papéis dos governantes e dos empresários, cabe refletir sobre o papel dos trabalhadores na construção dessa nação que

“anda de cabeça erguida” e é respeitada mundo afora, conforme pregava Lula em 2003 (SILVA, 10.03.2003b, p. 6).

Na prática, os trabalhadores nada podem fazer em termos de comércio exterior. Mas eles são parte integrante da problemática porque são brasileiros. É na condição comum de cidadãos brasileiros que se cruzam os interesses dos empresários e dos trabalhadores. É nesse ponto que se revela o projeto nacionalista de Lula de forma mais clara. Os trabalhadores, como todo o restante do país, seriam beneficiados com a diversificação e incremento da presença dos brasileiros na economia internacional. Esta nova e maior atuação redundaria na geração de mais empregos, de divisas e impostos, o que, em tese, permitiria a ampliação de investimentos sociais e redundaria em melhoria de vida para o conjunto da sociedade:

[...] é preciso viajar, para isso é preciso mostrar aquilo que nós produzimos, [...] o Brasil tem uma indústria automobilística [...] uma Embraer [...] empresas de ponta [...] Mas [...] tem que haver uma combinação perfeita entre aquilo que é intenção dos empresários, [...] do governo e dos trabalhadores, para que a gente possa construir definitivamente este País para se transformar numa grande nação, sendo uma grande potência econômica. [...] é preciso combinar esse crescimento com política social. [...] Nós queremos que haja um crescimento da economia, crescimento do crédito, controle da inflação, crescimento da indústria, geração de empregos, mas também nós queremos estender a mão para aqueles que não tiveram oportunidade na década passada, para que eles venham junto e conquistem o início de uma cidadania (SILVA, 14.10.2007, p. 4-5).

A nação sonhada por Lula é um país cuja economia se fortalece a ponto de ocupar espaços cada vez mais amplos em outros países, cujo presidente é respeitado no mundo todo e cuja diplomacia está presente no centro dos debates das questões mais importantes. Esse protagonismo na política e economia externas resultaria em uma nova imagem internacional do país e na elevação da autoestima dos brasileiros. Na verdade, a relação entre protagonismo-imagem externa e autoestima é algo complexo em que os elementos se reforçam reciprocamente. O “acreditar” no país e em nós mesmos é condição para ousar expandir-se, a expansão resulta em mais respeito, o prestígio externo reforça a autoestima.

Esse país encontrou o caminho, dizia Lula em fevereiro de 2010. “Estão dizendo que a gente vai ser a quinta potência econômica. [...] nós aprendemos a gostar deste País. [...] Nós tínhamos vergonha de ser brasileiros. Hoje não, *hoje nós estamos tendo orgulho de ser brasileiros*” (SILVA, 03.02.2010, p. 14-15, grifo nosso).

Considerações Finais

Apesar de falar em orgulho, o nacionalismo de Lula é pragmático, assemelhando-se ao nacionalismo cívico dos franceses e norte-americanos de fins do século XVIII em que elementos como a língua e raça não são importantes, mas sim o pertencimento formal, constitucional a determinado Estado-Nação, o que estabelecia uma relação direta entre Estado, nação e cidadania (HOBSBAWM, 2002, p. 108, 112-113). Foi na segunda metade do século XIX, sob a égide do imperialismo que a etnia, a língua e os essencialismos biológico e histórico passaram a ser reclamados como marcas da nação, o que configurava um forte retrocesso social e político em relação ao modelo da França e dos EUA (HOBSBAWM, 2002).

Todavia, essa classificação que propomos não é rígida. É óbvio, por exemplo, que o caráter revolucionário do nacionalismo francês e norte-americano não se verifica no Brasil de Lula. Além disso, se há fortes diferenças do projeto lulista em relação ao nacionalismo de fins do século XIX, há também pelo menos uma importante semelhança: a nação que aparece nos discursos e nos investimentos feitos no governo Lula reproduz ou pretende fazê-lo, em outro contexto evidentemente, a linha mestra do imperialismo, isto é, a exportação de capitais (LENIN, 2002 p. 47-480).⁶ As vantagens do ser brasileiro, nesse caso, repousariam, no limite, na exploração da mão de obra e recursos de outros países.

Nesse sentido, em se concretizando, o projeto nacionalista de Lula inverteria a posição do Brasil no debate nacionalismo-imperialismo. Via de regra, os movimentos e projetos nacionalistas que emergiram no Brasil no século XX elegiam como antípoda a ação imperialista estrangeira. Mas a nação de Lula não triunfa contra o imperialismo, ela pretende se fazer precisamente participando dele. Paradoxalmente, é o governo do presidente operário que parece mais próximo dessa inversão.

Referências

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil – 1964-1984*. Bauru: EDUSC, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 6 ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v.4.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 22, n. 62, p. 171-193, Abr. 2008.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *O imperialismo brasileiro nos séculos XX e XXI: uma discussão teórica*. Disponível em <<http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/23T.pdf>>. Acesso: 12/05/2010.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CANO, Wilson; SILVA, Ana Lúcia G. da. Política industrial do governo Lula. In: MAGALHÃES, João Paulo A. (Org.). *Os anos Lula: contribuição para um balanço crítico – 2003-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DEL ROIO, Marcos. A teoria da revolução brasileira: tentativa de particularização de uma revolução burguesa em processo. In: MORAES, João Quartim de; DEL ROIO, Marcos (Orgs.). *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2000. v. IV, p. 69-122.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *PTB: do getulismo ao reformismo - 1945/1964*. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DINIZ, Eli; BOSCHI, Renato. *A difícil rota do desenvolvimento: Empresários e a Agenda Pós-Neoliberal*. Belo Horizonte: UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FILGUEIRAS, Luiz et al. Modelo liberal-periférico e bloco de poder: política e dinâmica macroeconômica nos governos Lula. In: MAGALHÃES, João Paulo A. (Org.). *Os anos Lula: contribuição para um balanço crítico – 2003-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

FIORI, José Luís. O Cosmopolitismo de cócoras. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 22, n.77, p. 11-27, Dez 2001.

FIORI, José Luís. Projeto nacional e popular é desafio para o PT. *Carta Maior*, São Paulo, 26/10/2002.

GELNNER, Ernest. *Nacionalismo e Democracia*. Brasília: UNB, 1981.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1870*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LENIN, V. I. *O imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2002.

LESSA, Antônio Carlos Moraes. Da apatia recíproca ao entusiasmo de emergência: as relações Brasil-Europa Ocidental no Governo Geisel (1974-1979). *Anos 90*, Porto Alegre, n. 5, julho 1996.

MAGALHÃES, João Paulo de Almeida. Estratégias e modelos de desenvolvimento. In: *Os anos Lula: contribuição para um balanço crítico – 2003-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MINEIRO, Adhemar S. Desenvolvimento e inserção externa: algumas considerações sobre o período 2003-2009 no Brasil. In: MAGALHÃES, João Paulo A. (Org.). *Os anos Lula: contribuição para um balanço crítico – 2003-2010*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 3.

OLIVEIRA, Francisco de. *A economia da dependência imperfeita*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

REIS FILHO, Daniel Aarão. Estado e trabalhadores: o populismo em questão. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, UFJF, v. 13, n. 02, p. 87-108, 2007.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na sessão solene de posse no Congresso Nacional. Brasília – DF, 01 de janeiro de 2003a. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 15/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Pronunciamento à nação do Presidente da República*, após a cerimônia de posse. Parlatório do Palácio do Planalto, 01 de janeiro de 2003b. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 15/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante sessão plenária “Diálogo com o Presidente do Brasil” no XXXIII Fórum Econômico Mundial - Davos – Suíça, 26 de janeiro de 2003. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 16/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de abertura da IX Feira Internacional do Plástico. São Paulo – SP, 10 de março de 2003a. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 25/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de inauguração da nova unidade da empresa Polibrasil - Mauá – SP, 10 de março de 2003b. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 25/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de posse do Presidente da Associação Comercial de São Paulo - Clube Monte Líbano – São Paulo – SP, 27 de março de 2003. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 16/03/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de implantação do III Alto-Forno da Companhia Siderúrgica de Tubarão. Vitória – ES, 22 de abril de 2003. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 25/01/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na solenidade de abertura da 35ª Feira Nacional do Calçado – Franca 2003 Anhembi – SP, 08 de julho de 2003. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 28/05/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, por ocasião do encerramento da XXX Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul. Córdoba-

Argentina, 21 de julho de 2006. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 15/02/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Declaração à imprensa do Presidente da República*, por ocasião da visita do Presidente da República Dominicana, Leonel Fernández. Palácio do Planalto, 20 de junho de 2007. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 21/10/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante a Sessão Plenária da Cimeira Empresarial Brasil-União Europeia. Lisboa, 04 de julho de 2007. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 21/10/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de abertura do 16º Salão Internacional do Transporte – Fenatran. São Paulo - SP, 14 de outubro de 2007. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 23/11/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do presidente da República*, durante cerimônia de encerramento de seminário empresarial Brasil-Holanda. São Paulo-SP, 02 de março de 2009. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em 22/05/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante Seminário Empresarial “Brasil-Israel: Livre Comércio e Oportunidades de Negócios”. Jerusalém-Israel, 15 de março de 2009. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 30/08/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante cerimônia de inauguração do moinho de trigo da Bunge. Ipojuca-PE, 11 de setembro de 2009. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em 09/12/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, lido pelo ministro Celso Amorim após receber o prêmio “Estadista Global” em nome do Presidente, durante o Fórum Econômico Mundial. Davos – Suíça, 29 de

janeiro de 2010. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 29/07/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, na cerimônia de inauguração do Gasduc III. Duque de Caxias - RJ, 03 de fevereiro de 2010. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso em: 02/08/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante encontro com empresários brasileiros e mexicanos no contexto do Foro Estratégico Empresarial. Cancún-México, 23 de fevereiro de 2010. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 03/08/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, durante encontro com empresários salvadorenhos. San Salvador-El Salvador, 26 de fevereiro de 2010. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 03/08/2010.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Discurso do Presidente da República*, no encerramento do encontro empresarial Brasil-Jordânia. Amã-Jordânia, 18 de março de 2010. Disponível em: <www.info.planalto.gov.br>. Acesso: 03/09/2010.

SINGER, André. Raízes sociais e ideológicas do Lulismo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 85, Nov. 2009.

TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1997.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 14 de março de 2011 e aprovado para publicação em 13 de maio de 2011.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em História –PPGH – da Universidade Estadual de Montes Claros, doutor em História pela USP. E-mail: mekie1@hotmail.com.

² Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros, doutorando em História pela UFU. E-mail: historia.rmendes@yahoo.com.br

³ Projeto “A herança de Vargas no Governo Lula: a questão social e a nação”. Originalmente esse projeto tinha como objetivo analisar como as temáticas “nação” e “questão social” apareciam nos governos de Getúlio Vargas (1930-1945) e Luiz Inácio Lula da Silva. Posteriormente o projeto foi reformulado, concentrando-se na temática “nação e nacionalismo no Governo Lula”. Financiamento: FAPEMIG.

⁴ Lula proferiu milhares de discursos ao longo dos seus dois mandatos. Decidimos examinar praticamente todos eles, excetuando apenas situações específicas como, por exemplo, discursos repetidos sobre o mesmo tema – caso do lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) que o presidente realizou em dezenas de cidades brasileiras – ou discursos diversos em um mesmo dia, em um determinado país, cidade ou evento. Durante a pesquisa, notamos que esses discursos eram quase idênticos, permitindo, assim, a leitura de apenas um deles, sem prejuízo da compreensão do nosso objeto.

⁵ Dados parciais porque a pesquisa ainda está em andamento.

⁶ Sobre o uso do conceito imperialismo para o caso brasileiro atual cf. CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira (2010).